

## CONVERGÊNCIA 2023

Barcelona

### "O Desejo e o Real"

"A linguagem é habitada... mas a falta não é habitada, que, pelo contrário, pode habitar em qualquer lugar. Ela habita no interior do objeto a, não no outro espaço onde se desdobram as vertentes do engano". J. Lacan. Seminário XII.

Sabemos que o desejo como potência de pura perda e modo de identificação com a falta conta, em primeiro lugar, com a imagem: nasce e se sustenta nela.

É assim que a articulação do desejo na demanda implica, desde o começo, a vigência do simbólico e a pregnância do imaginário.

O primeiro estatuto do desejo relativo ao objeto de desejo conta com a imagem, não sem o significante.

O espelho se inscreve no campo do Outro: o objeto a se apresenta aqui como objeto de desejo, instalado por uma demanda, resto de uma operatória da linguagem sobre o real na qual o objeto a como objeto de desejo leva desde o Outro a marca do significante.

Um objeto de desejo que está em consonância com a dialética inicial do significante na medida em que ele se sustenta na não resposta do Outro.

Será assim o vazio imprescindível no simbólico aquele que permita essa não resposta, a qual lhe fará lugar ao sujeito via nascimento do significante, determinando que posteriormente se oriente para a reconquista de um não sabido original.

O desejo do sujeito carece de medida comum com o desejo do Outro, embora inclua o x da demanda do Outro, já que "Não conheço nada do desejo do Outro, mas sim seu instrumento". O falo como mediador entre demanda e desejo será, como significante da falta, aquele que dará ao desejo seu suporte já que "Esse desejo do Outro, o que ao sujeito se impõe reconhecer, isto é, o Outro na medida em que é ele mesmo sujeito dividido da spaltung significante" (1).

Tratando-se desse apoio na imagem para o desejo, é necessário sublinhar que aqui opera o falo como significante do desejo e, em consequência, se tratará também da estrutura da falta implicada na operação de castração como *geradora de espera, intervalo, silêncio*.

O objeto a advirá então como efeito de uma relação que, partindo da demanda do sujeito ao desejo do Outro, fará brotar a dimensão do desejo.

O segundo estatuto do desejo, aquele que tenho interesse em destacar, implica uma reviravolta radical ao situar o objeto a como causa, objeto não especularizável nem significável.

É o apoio relativo ao real em perda.

Trata-se de um segundo corte: aqui o desejo se separa da demanda do Outro. É a montagem do desejo na direção do novo.

Esse objeto está, de fato, ligado à sua falta necessária, onde o sujeito se constitui no lugar do Outro, ou seja, tão longe quanto possível... a *Urverdrängung*, o irreduzível do incógnito, situa Lacan.

Além da imagem, então, o objeto a causa como o real pulsional, resíduo do gozo para o desejo.

O que dizer do objeto enquanto causa? Lacan nos ensinou que é o objeto que está por trás do desejo. Em princípio, implica que o a é considerado em uma precessão essencial, ou seja, como antecedente, o que nos leva à repressão primária, que corresponde a uma ausência de representação no inconsciente, que definirá, conseqüentemente, a relação entre o sujeito e seu desejo.

Podemos considerar a *Urverdrängung* no sentido de ausência de representação.

A questão é que buscamos o sujeito de outra maneira, não pela via significante, ou seja, através de tudo o que permite a substituição.

No entanto, na medida em que o simbólico separa o sujeito do Outro via castração e essa possibilidade de situá-lo em relação ao Outro o liberta, essa libertação não é suficiente, pois as raízes do gozo no real só serão tocadas quando emprendermos o caminho em direção

ao oculto e seus vestígios, mostrados através daquilo que a repetição evidencia em suas voltas e reviravoltas.

Procuraremos o sujeito por aquilo que no discurso quase nem faz ruído.

Trata-se da orografia do real, onde já não se trata da imagem, mas do limite da imagem especular: daquilo que nela faz borda, sobressai.

É preciso ouvir o sujeito além da representação: será através do objeto causa que veremos o cerne do gozo que o aprisiona.

Por que essa relação intrincada? Trata-se do incognoscível do desejo, de seu cerne real que nasce daquilo que não sabemos do Outro, o que não está ligado nem ao significante nem à representação, o que está por dizer, tudo o que ignoramos de nossa posição enquanto real, o que nos precede, insabido, isso para o qual não houve resposta.

Se falamos do a, trata-se sempre de uma escrita: "O sujeito, assim como o Outro... não podem bastar-se por serem sujeitos da necessidade ou objetos do amor, mas devem ocupar o lugar de causa do desejo" (2).

Então, o sujeito como efeito do corte terá um real de gozo.

"O desejo se constitui, antes de tudo, por sua natureza, como aquilo que está oculto ao Outro por estrutura. É o impossível para o Outro e se constitui como a parte da demanda que está oculta ao Outro, aquilo que não garante nada... torna-se o véu... o princípio de ocultação do próprio lugar do desejo e é aí que o objeto se cobrirá"... "Do lado do Outro, nada é seguro, exceto justamente que ele oculta, que ele cobre algo que é esse objeto." (3)

A dimensão do desejo surgirá com o advento do objeto a como efeito da relação da demanda do sujeito com o desejo do Outro.

É assim que a demanda aponta para o desejo do Outro, na medida em que o desejo se dirige à demanda do Outro. Ali, duas demandas não confundidas. Enquanto o Outro demanda não saber, surge o desejo como "A intersecção do que nas duas demandas não pode sedizer" (4)

O que surge como desejo é, então, aquilo impossível para o Outro, aquilo que lhe está oculto, já que o Outro concerne ao meu desejo na medida do que lhe falta.

Se a relação com o Outro está especificada pela demanda, partindo de uma separação mais profunda entre o imaginário e o simbólico, poderemos nomear um desejo que colocará um limite no imaginário da demanda para cercar o incognoscível.

Tratar-se-á assim de situar o gozo que do Outro como puro real não foi tramitado, já que é esse gozo não tocado pelo simbólico que se fará borda da imagem, escrituralmente.

Aquele gozo do Outro como puro real que permanecerá oculto até que a operação da repetição mostre a orografia própria do real.

No entanto, ainda seria preciso esclarecer que o objeto causa nos indica que o sujeito se constitui no lugar do Outro, mas sem o apoio na imagem, já que se trata de seu limite, letra, testemunho da extração de gozo.

A invenção do "a" como causa é um dos marcos de alto valor que Lacan nos oferece, como um passo mais para reduzir a partir da cura que nos convoca o engano que habita em nós como sujeitos.

Martina Muñoz

## BIBLIOGRAFIA

1. A Significação do Falo. Jacques Lacan. Escritos 1. ED Siglo XXI Escritores.
2. A Significação do Falo. Jacques Lacan. Escritos 1. ED Siglo XXI Escritores.
3. Seminário IX. A Identificação. Aula 14. Versão crítica. Tradução de Ari Roitman. Jorge Zahar Editor.
4. Seminário IX. A Identificação. Aula 4. Versão crítica. Tradução de Ari Roitman. Jorge Zahar Editor.